



A cultura indígena ainda existe nos pequenos povoados. Na Ilha de Massarabi, por exemplo, os barés retiram da terra peças de cerâmica de seus antepassados. A região é um verdadeiro museu arqueológico a céu aberto

ALEXANDRE MEDEIROS

O barco vai descendo o rio, lentamente, cortando o silêncio da floresta amazônica, em direção a Manaus. Depois de cada curva, um novo recanto é descoberto pelas águas densas do Rio Negro: Laranjal, São Tomé, Caburis, Carvoeiro. São pequenos povoados ribeirinhos, formados em clareiras no meio da mata. À medida que o barco se aproxima, vão saindo da floresta velhos e crianças, como se esperassem há tempos a visita dos estranhos. Vão se instalar na beira do rio para dar adeus ou pedir para que o barco pare um momento, cortando a rotina silenciosa da Amazônia.

Tive a chance de conhecer alguns desses paraísos tropicais durante uma viagem de 42 dias pelo Rio Negro, partindo de São Gabriel da Cachoeira, entre os meses de agosto e setembro de 1995. Ao lado do fotógrafo Rogério Reis, fui designado pelo **JORNAL DO BRASIL** para acompanhar uma expedição de cientistas brasileiros à região, refazendo uma trilha percorrida no início do século pelo médico Carlos Chagas.

Foi uma experiência fascinante. Em um barco da Universidade do Amazonas (o *WK Kellogg*), a expedição percorreu todo o trecho navegável do Rio Negro, entre São Gabriel da Cachoeira – mais precisamente, o Porto de Camanaus – e Manaus. O fascínio de observar a algazarra dos pássaros e a exuberância da vegetação não deve deixar que o viajante esqueça uma regra básica: nada de ficar exposto à ação dos mosquitos, sobretudo no final da tarde, quando eles atacam sem piedade. Vai muito bem uma cobertura de repelente contra insetos enquanto a pele doura ao sol amazônico.

Antes de partir, é bom lembrar também que não há conforto de cidade grande ao longo do Rio Negro. Ainda pou-

Rio abaixo, rio acima, o rio

Repórter do JB desvenda os mistérios e as lendas que cercam os povoados ribeirinhos do Rio Negro, no coração da floresta amazônica

co afeitas ao turismo tradicional, algumas comunidades maiores, como São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos e Novo Airão, possuem tímida estrutura de hospedagem. Nada impede, contudo, que o visitante saboreie pratos deliciosos da cozinha local – sobretudo caça e pesca – ou curta a *onda* de dormir em redes, na melhor tradição dos índios. No caso de nossa viagem, as noites foram passadas a bordo do *WK Kellogg*. Isso quando o barco encontra remansos para ancorar. Nem sempre é assim.

Em São Gabriel, as pedras do fundo do rio fazem com que a água forme corredeiras perigosas e belíssimas. Foi de lá que partimos em voadeiras – pequenos barcos com motor de popa – para duas aldeias dos índios ianomami ao pé do Pico da Neblina – Ariabu e Maturacá –, atravessando igarapés que cortam a floresta amazônica.

As populações indígenas que vivem às margens do Rio Negro e de seus afluentes guardam um pouco da história de um país que não costuma aparecer nos jornais e TVs. Seus hábitos e tradições permanecem ainda intactos no meio da floresta. Foi o que vimos, por exemplo, na Ilha de Massarabi, uma comunidade de índios da etnia baré. Um belo exemplo de resistência cultural indígena da viagem.

Os barés de Massarabi cavam a terra para recolher peças de cerâmica de seus antepassados. É um verdadeiro sítio arqueológico a céu aberto. Cada casa de sapê de Massarabi é um pequeno museu da cultura baré. Tudo isso está lá, na mata distante, longe dos olhos das metrópoles. Não são apenas os artefatos encontrados na terra. São também as lendas que sobrevivem na floresta, passadas de geração para geração. Lendas que falam de luzes brilhando sobre as águas do Rio Negro, atraindo moças virgens a um mergulho sem volta. Lendas da paixão.

JB - VIAGEM
26/02/97 1-3
09

Sonhos de um tempo que passou

O ciclo amazônico de borracha deixa rastros nas construções às margens do Rio Negro e nas lembranças de alguns moradores dos povoados Fotos de Rogério Reis

Otras histórias repousam às margens do rio, como a do lendário ciclo amazônico da borracha. Não há melhor lugar para reviver essa história do que a paradisíaca localidade de São Tomé. É lá que vive Alda Aguiar Cardoso, neta e filha de seringalistas. À medida que o barco se aproxima de São Tomé, o visitante tem oportunidade de observar um velho e espaçoso casarão, o mais belo que o rio descortina, e um imenso e bem cuidado gramado com algumas seringueiras ainda imponentes. Lembranças de um tempo que passou.

Deixando São Tomé para trás, o barco passou diante de uma construção inusitada. Uma torre no meio da mata, construída pelo avô de dona Alda para que um observador pudesse avisar da chegada de barcos. Em seus áureos tempos, a torre tinha sua sala de visitas forrada com pano francês. As pedras foram trazidas de Portugal.

Difícil descrever tantos lugares inesquecíveis. Mas não há como deixar de citar o Velho Airão, um conjunto arquitetônico em ruínas no meio da mata. Lá estão os restos de uma igreja, de uma casa comercial, os jazigos de um velho cemitério. Caminhando por entre árvores gigantescas – algumas só conseguem ser abraçadas por quatro pessoas de mãos dadas –, você tem a impressão de estar recuperando com seus olhos um tempo distante, resgatando personagens que se foram, reconstruindo ruínas de pedra. É quase um sonho, como tantos que o Rio Negro banha com suas águas densas, entre o nascer e o pôr-do-sol. (A.M.)



Em Velho Airão, o único sinal da existência de alguma civilização são as ruínas de uma igreja no meio da floresta amazônica



Dona Alda, filha e neta de seringalistas, vive em São Tomé

INDICAÇÕES

- Agência Selva Tur – tel. (092) 622-2088 ou 622-2090 e fax. 622-2177
- SAF Participação Turística – tel. (092) 233-6168 e fax. (092) 234-2947
- Amazon Nut Safari – (092) 671-3535 e fax. (092) 671-1415
- Anaconga Turismo Ltda – (092) 233-7642 e fax. (092) 232-9492

Das corredeiras de São Gabriel ao remanso das Anavilhanas

JB
26/02/197 3
09

Anavilhanas, o maior jardim do Rio Negro

José de Paula Machado descobre as
belezas da estação ecológica da Amazônia

GABRIELA GARCIA

São 400 ilhas distribuídas por 90 quilômetros, um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo. Esta é uma pequena descrição de mais um dos santuários ecológicos perdidos pelos 1.370 quilômetros do Rio Negro: o Arquipélago das Anavilhanas. Disposto a desvendar esses encantos, o fotógrafo José de Paula Machado (foto) se mudou para um posto-flutuante no meio do Rio Negro e registrou as centenas de lagos, paranás, igarapés, rios e igapós que, juntos, formam a Estação Ecológica de Anavilhanas.

Com o material fotográfico reunido durante várias viagens às Anavilhanas e mais dez dias instalado no único posto-flutuante da região, o fotógrafo, em conjunto com o escritor amazonense Márcio Souza, publicou o livro *Anavilhanas – O jardim do Rio Negro*. “O livro mistura lendas, histórias da população indígena e anotações de pesquisadores sobre a realidade local”, conta José de Paula.

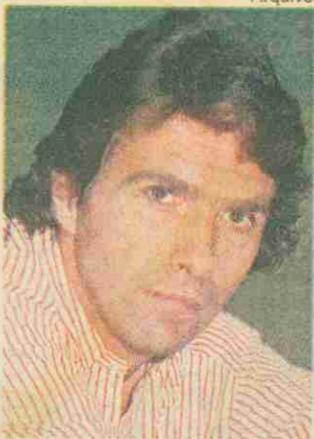
O fotógrafo recomenda a viagem para qualquer turista que goste de aventura e não ligue muito para o conforto. “Todos devem conhecer essa região. É a história do Brasil na

nossa frente, melhor do que qualquer livro ou aula”, ensina José.

Mas para curtir a viagem sem problemas é preciso tomar algumas precauções. Segundo o fotógrafo, a melhor época para visitar a região vai de julho a outubro. Fora desses meses, o Rio Negro sobe cerca de 15 metros e a grande maioria das ilhas fica submersa, diminuindo muito o espetáculo.

Outra dica é sempre contratar um *mateiro* – um pessoa que conhece a região e as áreas navegáveis do rio –, sem ele, as chances de ficar à deriva esperando por socorro aumentam bastante. “Vi vários casos de turistas que saíram sem guia e ficaram perdidos pelas ilhas”, conta.

Outra curiosidade da região é a *siesta* – um hábito espanhol, importado pelo local. Por causa do calor intenso, que chega a 45 graus, a maioria dos moradores e visitantes do lugar vai se deitar nas redes. “É impossível ficar do lado de fora no período de 11h30 às 15h. A gente vê até miragem neste horário”, exagera o fotógrafo. Depois de conhecer a vida selvagem, ele chega a uma única conclusão: o mais difícil é se adaptar novamente à vida da cidade grande.



Arquivo



Fotos de José de Paula Machado



O arquipélago das Anavilhanas é formado por mais de 400 ilhas. Os turistas que visitam o local percorrem as ilhas de barco